

Significado do Freio em uma Aventura de Galvão

Prof. Titular Antonio L. Furtado
Departamento de Informática/PUC/RJ

Resumo

Por que um freio qualquer não serviria para a mula da donzela que vai procurar ajuda na corte de Artur? Por que levar Galvão a enfrentar tantos perigos numa demanda tão banal? A natureza desse objeto tão difícil de conquistar é investigada através da comparação com outros textos supostamente análogos.

Palavras-chave: Caça a tesouro; Encantamentos; Fontes e análogos

Abstract

Why no ordinary bridle would fit the mule of a damsel who seeks help at Arthur's court? Why induce Gawain to face so many perils in such a trivial quest? The nature of this object so hard to conquer is investigated through a comparison with other supposedly analogue texts.

Keywords: Treasure hunt; Charms; Sources and analogues

Perto do final do século XII, um escritor que se auto nomeava Païen de Maisières, compôs um poema intitulado *La Mule sans Frein*, em que Galvão (francês: Gauvain) desempenha o papel principal. A narrativa é fascinante, incluindo os incidentes épicos próprios do gênero dos romances de cavalaria, mas também elementos fantásticos e até alguns traços cômicos. Entretanto, o final deixa pelo menos uma questão em suspenso: seria natural que o valor do objeto conquistado pelo herói com tanto esforço fosse explicado. Por que só esse freio específico, cercado de perigos, serviria para a mula da donzela? O texto termina com a partida da jovem, deixando Galvão insatisfeito e o leitor intrigado...

O poema tem muito em comum com dois lais anônimos, *Tyolet e l'Espine* (Micha, 1992), embora seja difícil determinar se esses lais já seriam conhecidos anteriormente, pelo menos em forma oral. Mas é fato reconhecido que o enredo da *Mule sans Frein* reúne alusões a vários episódios tirados dos romances arturianos de Chrétien de Troyes. Nota-se de imediato que o pretense nome do autor, Païen de Maisières, brinca com o nome de Chrétien: "pagão" contrastando com "cristão", enquanto Maisières corresponderia à cidade que hoje se chama Charleville-Mezières, localizada, como Troyes, na região de Champagne.

O mais notável dentre os episódios tomados de Chrétien é a aventura do Leito da Maravilha ("Lit de la Merveille"), relatado no romance de *Perceval*. Lembremos como Galvão enfrenta os perigos associados ao leito, peça magnífica feita de ouro e prata (Chrétien, 1959: 230-231):

Tão logo ele se sentou, as cordas rangeram e todos os sinos bimbilharam, fazendo a sala ressoar. Então todas as janelas se abriram e os encantamentos se revelaram, pois através das janelas voaram dardos e flechas, e mais de setecentos atingiram meu senhor Galvão no escudo, sem que ele soubesse quem era responsável. Tais eram os encantamentos que ninguém podia ver de onde provinham os projéteis nem quem eram os arqueiros que os atiravam. Como podeis imaginar, ouviu-se um alarido enorme quando os disparos partiram das bestas e dos arcos. Nesse momento Galvão teria dado mil marcos para não estar ali. Mas, de súbito, as janelas fecharam-se de novo sem que ninguém tocasse nelas. Então Galvão retirou os dardos que ficaram espetados no escudo; haviam infligido numerosas feridas em seu corpo, que sangrava profusamente.

Contudo, antes que conseguisse extrair todos, confrontou-se com mais uma prova; pois um vilão bateu com o pé em uma porta, esta se abriu, e um leão esfomeado, forte e feroz, grande e espantoso pulou para assaltar Galvão com fúria. Cravou as garras no escudo como se fosse de cera, e o abateu sobre os joelhos. Mas o cavaleiro ergueu-se de pronto, sacou a espada e desferiu tal golpe no leão que lhe cortou a cabeça e ambas as patas. Galvão notou com satisfação como as patas permaneciam penduradas a seu escudo pelas garras, uma pata por dentro e a outra por fora.

Na *Mule sans Frein* não há menção a dardos e flechas, e há dois ao invés de apenas um leão. Também foram acrescentados diversos outros perigos, os quais, à primeira vista, pareceriam criação original do autor. Examinemos os trechos referentes aos perigos, notando desde logo como o interlocutor principal de Galvão acumula as funções de hospedeiro e guia com a de causador do primeiro perigo (Païen, 2003: 91-98):

- Nesta noite, falou o vilão, decepa minha cabeça com esta acha afiada; corta-a, com a

condição de que eu deceparei a tua amanhã de manhã, quando eu voltar. (...) Galvão foi para fora da casa, estendeu o pescoço sobre o tronco. E o vilão lhe disse então: - Estica mais o pescoço! (...) [O vilão] alçou bem alto a acha à sua frente – mas assim fazia para assustá-lo, pois não tinha intenção de tocar naquele que se mostrara leal ao extremo e mantivera bem o que lhe havia afiançado.

(...) antes que passe de meio-dia terás tal excesso de batalhas que não terás vontade de gabar-te. Terás de combater dois leões que vivem aqui acorrentados.

(...) o vilão o levou em frente, atravessando quartos e portais, pois conhecia bem todos os redutos, até vir ao quarto em que jazia o cavaleiro que fora ferido através do corpo. (...) Logo que os viu montados, o vilão providenciou e lhes deu duas grossas lanças para começarem essa batalha.

- Galvão, respondeu [o vilão], queres saber o que tens de fazer primeiro? Antes tens de combater contra duas serpentes traiçoeiras e ferozes, que esguicham sangue para todo lado e soltam fogo pela boca! (...)

Mas, antes que estivesse desarmado, o anãozinho apareceu-lhe à frente, o mesmo que, no início, viera ter com ele sob o pórtico e o saudara, sem dignar-se a dizer-lhe mais nada e indo embora com tanta impertinência. - Galvão, falou, eu te ofereço meu serviço, de parte de minha dama, mas sob a condição de que comerás com ela. Então farás o que quiseres, sem luta nem oposição, com o freio que vieste buscar.

Galvão respondeu que iria, desde que o vilão o conduzisse, pois confiava muito nele. Foram ambos de mãos dadas. O vilão o guiou muito bem; foram de quarto em quarto, até irem dar na câmara onde a dama que mandara o anão convidar meu senhor Galvão quedava-se reclinada sobre um leito. (...) Sentaram-se ambos no leito. Mas não era, assim me parece, nem de madeira de salgueiro nem de faia o leito em que a dama e Galvão se acomodaram, pois eram revestidas de fina prata as quatro colunas que sustentavam o dossel, e este era recoberto de um brocado todo trabalhado de pedrarias e outras riquezas várias.

Além do repertório de perigos, algumas diferenças entre o texto de *Perceval* e o da *Mule sans Frein* se evidenciam. Ainda vemos o cavaleiro sentar-se sobre um leito no final do fragmento acima; entretanto já não é este o gesto que deflagra os perigos. Além disso, ele tem aqui um objetivo preciso, não está desafiando perigos simplesmente pelos ideais da cavalaria. Está em busca de um certo freio, que só pode ser reclamado, segundo diz seu guia, depois que todos os perigos tenham sido enfrentados com êxito.

Galvão triunfa seguidamente até que, pelo que o fazem acreditar, todas as provas foram superadas. Mas, quando se apresenta à dama a quem pertence o castelo para receber o freio, ela lhe responde com uma proposta inesperada (Païen, 2003: 98-99):

Galvão ansiava por partir, cuidando que já demorara muito. Pediu então o freio à dama – pois fazia jus a ele! - Senhor, ela falou, ponho a vosso serviço meu poder e minha própria pessoa, por terdes empreendido grandes coisas em prol de minha irmã, desde que enveredastes por essa trilha. Sou sua irmã, minha irmã ela é, e assim vos devo honrar o mais que possa. Se vos aprouver habitar aqui, tomar-vos-ei como esposo e vos entregarei este castelo; e tenho ainda outros trinta e oito!

Poucas cenas de sedução reúnem tanta sutileza... A dama toma o cuidado de não demonstrar relutância em entregar o freio. Não diz que o entregará, mas oferece muito

mais do que o cavaleiro lhe pedia. E afirma ser irmã da donzela a quem Galvão prometera servir – e se declara grata a ele por tanta dedicação. Como poderia Galvão imaginar que, aceitando a proposta, estaria traindo sua missão? A recusa de Galvão o faz vencer esse último perigo, de natureza tão peculiar. A cena nos alerta para outro encontro de Galvão com uma dama de aparência amável, desta vez no *Perceval*, que poderia revelar-se perigoso na seqüência do romance (interrompido pela morte de Chrétien). Duas damas e uma donzela vêm a Galvão depois que ele desfaz os encantamentos do castelo do Leito da Maravilha. Mais tarde, ele ouve Guiromelant falar a propósito da segunda dama (Chrétien, 1959: 257):

- Estou certo de que viste a outra rainha, aquela dama alta e formosa que era esposa do rei Lot e mãe daquele homem sobre quem desejo que recaia a desgraça – a mãe de Galvão. [Galvão replica] - Meu caro senhor, conheço bem Galvão e me arrisco a dizer que ele não tem mais mãe há pelo menos vinte anos.

Isso nos leva a indagar se não deveríamos também considerar essa dama como "perigosa" no contexto da narrativa do *Perceval*, como sugerimos a propósito da dama encontrada na *Mule sans Frein*. Embora no texto inacabado de Chrétien ela não pareça ameaçadora, este diálogo lança sobre ela uma clara suspeita de irrealidade.

O guia de Galvão, em ambas as estórias, é também um personagem altamente ambíguo. No *Perceval*, é apresentado como um simples barqueiro, mas depois é dito que possui uma casa "digna de receber um conde" (Chrétien, 1959: 220). E vimos a atitude ambivalente do vilão para com o cavaleiro na *Mule sans Frein*. Pois agora acrescentemos um detalhe curioso indicado nessa mesma obra (Païen, 2003: 90):

Galvão muito se maravilhou ao ver o vilão: parecia um mouro da Mauritânia ou um desses rústicos da região de Champagne, curtidos pelo sol.

Na verdade, esta curiosa semelhança com um mouro poderia ser explicada como simples referência ao *Yvain* (Chrétien, 1987: 284), onde encontramos "sentado sobre um toco de árvore, com uma grande clava na mão, (...) um vilão que parecia um mouro e era imensamente alto e pavoroso". Mas, alertados pela surpresa de Galvão – "Mes mout se mervelle Gauvain" (Païen, 1972: 74) – fomos procurar algo semelhante em outros textos, mesmo de tradição em princípio bem distante, tal como o do conto de *Judar e seus Irmãos*, pertencente à vasta coleção das *Mil e uma Noites*, de vez que nesse conto também achamos um personagem que atua como hospedeiro e, ainda, como guia do herói – se bem que, ao invés de parecer um mouro, é efetivamente um mouro (Dawood, 1973: 344-347):

[Judar] permaneceu com o Mouro por vinte dias, recebendo de seu hospedeiro um novo manto a cada dia e banqueteadando-se com ele das provisões fornecidas pela sacola mágica. Na manhã do vigésimo primeiro dia, o Mouro veio ter com ele e lhe disse: - Levanta-te, meu amigo. Este é o dia designado para a abertura do tesouro de Al-Shamardal. (...)

- A porta será aberta e revelará um homem segurando na mão uma espada, que dirá: "Se és a pessoa certa, estica o pescoço para que eu corte tua cabeça." Estica teu pescoço para ele e não tenhas medo, pois tão logo tenha erguido a espada para atacar-te ele cairá no chão, como corpo sem alma. (...) Mas se o desafiáres ele te matará. (...)

Quando tiveres rompido o primeiro encantamento, entra e encontrarás outra porta. Bate

nela e a porta será aberta por um homem a cavalo, com uma lança ao ombro, que dirá: "O que te traz a este lugar proibido a homens e gênios?" Ele apontará a lança contra ti. Desnuda teu peito e ele te golpeará e cairá por terra, como corpo sem alma. (...)

Prosseguirás até uma terceira porta, que te será aberta por um homem armado de arco e flecha. Atirará contra ti com sua arma. Desnuda o peito diante dele e ele de imediato cairá no chão, como corpo sem alma. (...)

Depois disso, segue para a quarta porta e bate. Um enorme leão sairá e pulará sobre ti, abrindo as mandíbulas para devorar-te. Não te esquives nem fujas; dá-lhe a mão e ele cairá sem vida no mesmo instante. (...)

Então bate na quinta porta. Um escravo negro a abrirá para ti, dizendo: "Quem és?" Dize: "Sou Judar" e ele replicará: "Se és tal homem, vai abrir a sexta porta. "

A porta irá escancarar-se. Entra e duas serpentes, uma pela direita e a outra pela esquerda, se atirarão contra ti de goela aberta. Se estenderes cada mão para cada uma delas não te farão dano algum. (...)

A sétima porta será aberta por tua mãe. "Bem-vindo, meu filho," ela dirá, "Aproxima-te para que possa saudar-te." Deves responder: "Fica onde estás e tira tuas roupas!" (...) Olha para a direita e acharás uma espada pendurada na parede: pega-a e trata de ameaçá-la com ela. (...) Continua a ameaçar até que tenha tirado a roupa toda. Então cairá a teus pés. (...)

Nesse momento todos os encantamentos serão anulados e todos os feitiços desfeitos. São e salvo, entrarás na sala do tesouro e verás pilhas de ouro amontoadas no chão. Mas não dês atenção a isso. Do lado oposto encontrarás um pequeno pavilhão atrás de uma cortina. Afasta a cortina e verás o mago Al-Shamardal dormindo em um leito de ouro, com um objeto redondo acima da cabeça brilhando como a lua. É o Orbe Celeste. Acharás a Espada ao lado dele, o Anel em seu dedo e o Frasco de Kohl preso a uma cadeia em torno de seu pescoço. Traze-me esses quatro talismãs. (...)

[Judar] exclamou: - Mas quem poderá fazer face aos encantamentos de que falas. Quem poderá enfrentar tão portentosos perigos? O Mouro respondeu: - Não temas, Judar. São apenas fantasmas sem alma.

É fácil relacionar o Mouro do *Judar*, detentor de conhecimentos arcanos e guia indispensável do herói, com o barqueiro do *Perceval* e com o vilão da *Mule sans Frein*. O leitor haverá de verificar sem dificuldade que os perigos do *Judar* perfazem uma combinação exata dos perigos do *Perceval* com os da *Mule sans Frein*. A diferença básica, que é preciso reconhecer desde logo, e que decorre da diversidade de gêneros (o *Judar* está longe de ser um romance de cavalaria), está no modo pelo qual os protagonistas os enfrentam: a reação de Galvão, como bravo cavaleiro, é partir para o combate, o que estaria além das possibilidades de um filho de pescador, como é Judar. E, ainda assim, Judar age bravamente expondo-se sem fugir aos perigos – e Galvão é forçado a limitar-se a isso quando mãos invisíveis disparam dardos e flechas contra seu corpo no *Perceval*. A tabela abaixo relaciona os perigos em correspondência com as sete portas com que estão associados no *Judar*. A ordem de aparecimento não é a mesma em cada estória: a seqüência é 3-5-4-7 no *Perceval* e 1-4-2-6-5-7 na *Mule sans Frein*.

| Porta | Perigo | Perceval | Mule sans Frein |
|-------|---------------------|-------------|-----------------|
| 1 | cortador de cabeça | não | sim |
| 2 | cavaleiro com lança | não | sim |
| 3 | arqueiro | sim | não |
| 4 | leão | sim | sim |
| 5 | escravo negro | sim (vilão) | sim (dois) |
| 6 | duas serpentes | não | sim (anão) |
| 7 | mãe | sim | sim/não (dama) |

A cena perturbadora entre Judar e sua mãe (ou melhor, entre Judar e o fantasma com a aparência da mãe de Judar) pode estar relacionada com a estranha cena do *Perceval*, que descrevemos antes, em que Galvão é informado de que uma das damas que ele vira no castelo é sua mãe, supostamente falecida desde longa data. Se a correlação entre as duas cenas se justifica, torna-se razoável supor que, para Chrétien, o encontro com a dama "alta e formosa" no episódio do Leito da Maravilha seria também uma visão fantasmagórica. Cabe reconhecer que "Païen" não caracteriza como mãe de Galvão a dama que lhe oferece seu corpo e suas imensas riquezas para seduzi-lo, levando-o a desistir da busca do freio que prometera levar prontamente à donzela. A dama parece reunir funções de dois personagens do *Judar*: como o fantasma da mãe de Judar, ela é uma tentadora; e, tal como o mago Al-Shamardal, ela é dona do castelo e possuidora do tesouro. Acrescente-se que tanto ela como Al-Shamardal têm o leito precioso como atributo, não nos deixando esquecer o ainda mais esplêndido Leito da Maravilha do *Perceval*.

Um personagem ainda mais próximo a Al-Shamardal é apresentado no texto de Chrétien, pouco antes de o barqueiro e Galvão penetrarem na sala onde está o Leito da Maravilha (Chrétien, 1959: 225-226):

Cavalgaram até o sopé da escadaria em frente ao salão, onde encontraram um pernetá sentado sozinho sobre uma pilha de grama recém-cortada; sua perna artificial era de prata, entremeada de faixas de ouro e pedras preciosas. (...) O pernetá não dirigiu uma só palavra aos que passavam diante dele, nem estes lhe falaram coisa alguma. (...) - Em nome de Deus, disse o barqueiro, o pernetá é rico e tem muitos rendimentos. Logo ouvirias notícias que te desagradariam se eu não te fizesse companhia e conduzisse.

Diferentemente de Al-Shamardal, porém, o pernetá não é o dono do castelo, pois este pertenceria à mais velha das duas damas (que seria uma rainha, mãe do rei Artur e da segunda dama, supostamente mãe de Galvão). Mas, exatamente como Al-Shamardal, seria o responsável pelos encantamentos que protegem o lugar, se realmente se referirem ao pernetá as afirmações anteriores do barqueiro (Chrétien, 1959: 222):

A sala é muito bem protegida por arte e encantamento, como saberás em breve se quiseres que eu te diga. Um letrado douto em astronomia, trazido pela rainha, obrou naquele palácio tão grandes maravilhas como nunca ouviste semelhantes.

Inevitavelmente, um personagem que chama nossa atenção na *Mule sans Frein* é a própria mula... Em contrapartida, é o caso de indagar de que meio de transporte Judar se

serve para chegar ao local do tesouro e, depois, para voltar à casa. Pois é também uma mula, e bastante incomum (Dawood, 1973: 342):

Em certo momento o Mouro disse a Judar: - Sabes a que distância já no afastamos do Egito? - Não, por Alá. - Percorremos o equivalente a um ano de viagem. Deves saber que esta minha mula é um gênio e pode completar em um único dia um ano inteiro de jornada.

A mula da *Mule sans Frein* decide por qual caminho seguir e, ao longo do percurso, é saudada por leões, tigres e leopardos (Païen, 2003: 83). Se concordarmos que se trata de um ser fabuloso, tal como a mula do *Judar*, seremos levados a conjecturar que o freio buscado por Galvão, em aventura de tão alto risco, seja um talismã, de poder comparável ao dos quatro talismãs de Al-Shamardal. Mas podemos ir um passo além, recorrendo mais uma vez ao livro das *Mil e uma Noites*. No conto de *Julnar, a Nascida-no-Mar, e de seu Filho o Rei Badr Basim da Pérsia*, a rainha Lab, uma feiticeira, prepara-se para enfeitiçar o rei Badr Basim. Ela representa um tipo de tentadora, comum em contos folclóricos, que atrai homens para lhe servirem de amantes, até fartar-se deles e os metamorfosear em animais. O rei Badr, entretanto, instruído por Abdallah, um droguista versado em magia, resiste e até mesmo devolve o ataque (Burton, 1967: 267-268):

Disse [Badr Basim]: - Ó minha senhora, não espero de ti maldade alguma; estou certo de que me amas; mas prova desta cevada ressecada. Desta forma ela comeu um pouco do sawik de Abdallah. Mas apenas lhe caiu no estômago ela teve uma convulsão, e o rei Badr Basim pegou água na palma da mão e lhe jogou na cara, dizendo: - Deixa esta forma humana e assume a de uma mula malhada. (...) Em seguida tentou por-lhe um freio, mas ela não aceitava. (...) Abdallah trouxe para ele um freio e mandou que o colocasse nela imediatamente. (...) Então disse [Abdallah] a Badr: - Ó meu filho, não deves demorar-te mais nesta cidade; trata de montar na mula e segue com ela aonde quiseres, e toma cuidado para que não venhas a entregar o freio a quem quer que seja.

Como se poderia prever, o jovem rei é induzido a descumprir o conselho. Ele passa o freio para as mãos de uma velha senhora, que vinha a ser a mãe da rainha Lab, e que só assim consegue desencantar a filha, com conseqüências nefastas para Badr. Fica com isso evidenciada a natureza mágica do freio. A alusão a este conto traz à nossa discussão um traço de ironia: um outro título da *Mule sans Frein* é *La Demoiselle à la Mule*, e acabamos de ver alguém que compartilha as naturezas de donzela e mula...

A dona do castelo da *Mule sans Frein* simultaneamente se queixa de Galvão (Païen, 2003: 98), que foi matando em seu percurso "todas as minhas feras selvagens" (antigos amantes?), para em seguida oferecer-lhe seu amor e seus bens. Em vista disso, ela pareceria uma tentadora da mesma espécie da rainha Lab. Recordemos que, à primeira vista, a atitude dela para com a irmã soa contraditória: agradece os esforços do cavaleiro em favor dela, mas procura retê-lo, frustrando assim a prometida entrega do freio à jovem, que o espera ansiosa na corte de Artur. A donzela dissera que o freio lhe fora tirado (Païen, 1972: 63) "mauvaisement", mas deixara de indicar o autor ou autora do malefício. Já que o freio foi encontrado afinal ao lado da castelã, não seria ela a principal suspeita?

A contradição se resolveria se considerássemos as conseqüências da aceitação da oferta sedutora por Galvão. Ficando no castelo, Galvão não apenas trairia sua palavra de cavaleiro como se condenaria a uma vida de "recreantise", até que a dama feiticeira, tal

como a rainha Lab em relação ao rei Badr Basim, decidiu descartá-lo. Esta interpretação implica que a dama estaria agindo falsamente e que, tal como em muitas narrativas folclóricas, não nutriria amor e sim uma inveja mortal pela irmã.

Alguns críticos acentuam que a *Mule sans Frein* é intencionalmente cômica em mais de uma passagem. Antes de Galvão, Caio (francês: Keu) tenta a aventura e falha miseravelmente; quando regressa está (Païen, 2003: 85): "(...) com o corpo muito dolorido, alquebrado e abatido. Enfiou-se na floresta onde estavam as bestas selvagens, que lhe vieram ao encontro assim que o perceberam. Com tal ferocidade correram contra ele que estou certo de que o devorariam se não o poupassem por causa da mula, pela qual tinham respeito." No *Judar* também ocorrem duas tentativas, ambas do próprio herói. Na primeira, tendo ele falhado ao enfrentar o último perigo, representado pelo fantasma da mãe (Dawood, 1973: 348): "(...) os guardiães do tesouro caíram sobre ele com duros golpes e lhe deram uma surra tal que ele nunca se esqueceu dela pelo resto da vida. (...) Quando o Mouro o viu ser jogado porta afora, retirou-o apressadamente da água que já refluía em turbilhões para o leito do rio."

Também soa cômica a repetida insistência do vilão para que Galvão se fortifique comendo antes de se meter em cada prova (Païen, 2003: 92-93): "Convém que comas um pouco antes de ires à luta, para que teu coração não desfaleça nem te sintas alquebrado." E novamente, um pouco depois (Païen, 2003: 94): "Se queres crer em meu conselho, desarma-te e come bastante para recuperar tuas forças." Em *Judar*, o ato de comer não é rotina banal, pois o Mouro possui um saco encantado, graças ao qual (Dawood, 1973: 342): "(...) Se pedíssemos um milhar de pratos a cada hora, o gênio [a serviço do saco] viria prepará-los imediatamente."

A presença de gênios e magos marca como especialmente fantástico o contexto do *Judar*. A entrada da casa do tesouro de Al-Shamardal é normalmente inacessível, por estar submersa, e para fazer a água recuar são necessárias as "conjurações" do Mouro (Dawood, 1973: 345). Mas a *Mule sans Frein* não está isenta de elementos mágicos. Não é fácil entrar no castelo giratório em que se encontra o freio (Païen, 2003: 88): "Não havia entrada nem porta. O castelo girava tão forte como mó de moinho que mói, e como o pião que se pode impulsionar puxando o cordel." Além disso, quando o vilão primeiro aparece a Galvão, está saindo de um (Païen, 2003: 89) "celeiro fundo e espaçoso, escavado bem abaixo da terra", o que não deixa de lembrar a casa subaquática do tesouro do *Judar*.

Todas as três histórias tratadas aqui incluem uma manifestação pública de júbilo no fim da tentativa bem sucedida de quebrar os encantamentos. No *Perceval* (Chrétien, 1959: 231-232):

Seu hospedeiro, de cara alegre, entrou de novo, encontrou-o sentado no leito e lhe disse: - Senhor, eu vos asseguro que nada mais tens a temer. Tira a armadura toda, pois cessaram para sempre as maravilhas do palácio, em busca das quais vieste, e aqui serás servido e honrado por jovens e velhos, pelo que Deus seja louvado! Então valetes acorreram em grande número, elegantemente vestidos com túnicas, e, caindo de joelhos, disseram: - Belo e caro senhor, nós te oferecemos nossos serviços, como aquele que por muito tempo esperamos e desejamos.

Na *Mule sans Frein*, Galvão enxerga (Païen, 2003: 99):

(...) no meio das ruas, tantas rodas de pessoas dançando e farreando tanto, cada qual se divertindo com o companheiro, que festa maior não poderiam armar ainda que Deus determinasse.

Finalmente, até mesmo a música se faz presente no *Judar* (Dawood, 1973: 349):

De súbito um toque musical soou em seu louvor, e os guardiães do tesouro exclamaram: - Rejubila-te, Judar, pelo que ganhaste! A música continuou a tocar até ele passar para fora do portão da casa do tesouro.

Qual foi esse ganho do herói? No caso de Judar, foi claramente a conquista dos quatro talismãs. O Mouro adverte Judar a ignorar as riquezas empilhadas, como se a atração exercida por elas fosse mais uma prova a vencer. Sobre Galvão, o texto inacabado do *Perceval* não nos dá resposta. Mas na *Mule sans Frein* não há qualquer dúvida: desprezando as riquezas da dama, possuidora de trinta e oito castelos, o que Galvão deve obter é o freio, que vemos igualmente como um talismã, objeto mágico mais valioso do que metais e jóias. E, em ambos os casos, o ganho não permanece com o herói – deve ser repassado a quem encomendou a busca: o Mouro no *Judar*, a donzela na *Mule sans Frein*.

A conclusão de que o freio seria um talismã tem como pressuposto a existência de uma relação de analogia, que esperamos ter demonstrado através de comparações entre trechos das *Mil e uma Noites* e das narrativas francesas. O método de inferência é simples: se dois textos são análogos em vários pontos, é razoável completar o que não ficou explícito em um deles com elementos tirados do outro. Em particular, na *Mule sans Frein* ficamos sem saber para que serve o freio, e nas *Mil e uma Noites* nos deparamos com talismãs, inclusive com um que é um freio dotado do poder especial de impedir uma feiticeira de deixar a forma de mula. Seria possível ir mais longe? Poderiam essas criações não-cristãs do Oriente Médio estar entre as fontes da *Mule sans Frein* e, indo mais além, da própria obra de Chrétien? Levantamos esta hipótese, com a devida cautela, em trabalho anterior (Furtado, 1991), enquanto aqui nos limitaremos a lembrar que semelhanças entre estórias de procedência diversa podem ser devidas à bem conhecida universalidade de certos tipos e motivos folclóricos (Aarne, 1961).

Mas, mesmo sem tentar ver no *Judar* mais do que um texto análogo, podemos imaginar se a noção de "velhas trilhas" que o autor da *Mule sans Frein* dizia preferir em seu enigmático prólogo não se aplicaria talvez às obras de uma época anterior, que as novas, sem deixar de imitá-las veladamente, ambicionavam superar (Païen, 2003: 80-81):

O vilão diz em um provérbio que, depois de velha e posta de lado, é que uma coisa se revela de grande serventia. Portanto, o bom senso e a razão determinam que cada um deve dar valor ao que é seu, pois muito cedo pode tornar-se útil. Atualmente as velhas trilhas são menos apreciadas do que as novas, porque estas são consideradas mais belas – e assim parecem melhores. Mas ocorre muitas vezes que as antigas se mostram as mais valiosas. É por isso que afirma Païen de Maisières que sempre se deve tomar as velhas trilhas de preferência às novas.

Não seria divertido se, além de brincar com o nome de Chrétien de Troyes, "Païen de Maisières" pensasse em provocá-lo revelando indiretamente de onde tirara uma de suas

aventuras? Pois não teria incluído o que Chrétien deixou de fora, completando a lista de sete perigos a partir de texto original mais antigo, de procedência "pagã"? Se de fato era este seu intento, o prólogo da *Mule sans Frein* talvez tenha pretendido deixar uma pista.

Bibliografia

- AARNE, A. and THOMPSON, S. *The Types of the Folktale*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica, 1961.
- BURTON, R. (trad.). "Julnar the Sea-born and her Son King Badr Basim of Persia". In *Tales from the Arabian Nights*. Selecionado por P. H. Newby. New York: Washington Square Press, 1967.
- DAWOOD, N. J. (trad.). "The Tale of Judar and his Brothers". *Tales from the Thousand and one Nights*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- FURTADO, A. L. "The *Arabian Nights*: yet another source of the Grail stories?". *Quondam et Futurus a Journal of Arthurian Interpretations*. n.º 1.3, 1991: 25-40.
- MAISIÈRES, Païen de. "La Mule sans Frein". In *Two old French Gauvain Romances*. Editado por R. C. Johnston e D. D. R. Owen. New York: Barnes & Noble, 1972.
- _____. "A Mula sem Freio". In *Aventuras da Távola Redonda*. Organizado e traduzido por A. L. Furtado. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MICHA, A. (ed. e trad.). "Tyolet", "l'Espine". In *Lais Féeriques des XII^e et XIII^e siècles*. Paris: GF-Flamarion, 1992.
- TROYES, Chrétien de. *Le Roman de Perceval*. Editado por W. Roach. Genève: Librairie Droz, 1959.
- _____. *Arthurian Romances*. Traduzido por D. D. R. Owen. London: Dent, 1987.